

Malan diz que não aceita contraproposta de credores

Teodomiro Braga
Correspondente

WASHINGTON — O Brasil não admite contraproposta dos bancos credores ao plano de negociação da dívida externa, apresentado na quarta-feira. Em estilo moderado, o recado foi dado pelo chefe da negociação da dívida, Pedro Malan, em reunião ontem de manhã, em Nova Iorque, com os integrantes do Comitê Assessor dos Bancos Credores. Malan alertou os bancos de que a margem de negociação do plano é pequena e não inclui alterações nos prazos, taxas de juros e nível de desconto da dívida, previstos nas cinco opções de conversão dos antigos empréstimos em bônus de longo prazo. Os banqueiros ouviram a mensagem em silêncio, sem fazer comentários.

Em razão do feriado bancário de segunda-feira próxima, na Grã-Bretanha, a nova reunião entre as duas partes foi marcada para quarta-feira, quando deverá começar a discussão sobre os detalhes do plano brasileiro. Apesar da insistência de Malan em manter inalteradas as linhas gerais do plano, os bancos continuam otimistas quanto à possibilidade de se chegar a um acordo em curto prazo para a renegociação dos US\$ 50 bilhões da dívida de médio e longo prazos do Brasil com os bancos credores.

A preocupação da equipe brasileira é evitar que se repita a experiência de negociação do México, que propôs um desconto de 50% na troca da dívida por bônus de longo prazo, recebendo como resposta inicial dos bancos uma contraproposta de redução da taxa de desconto para 15%. Ao final de vários meses de negociação, a taxa foi fixada em 35%. A proposta brasileira prevê um desconto de 37,5% na troca da dívida pelos "bônus de desconto" que seriam garantidos pela compra pelo governo brasilei-

ro de certa quantidade de bônus do Tesouro dos Estados Unidos.

Em sua exposição de ontem, o negociador-chefe da dívida, Pedro Malan, reiterou que o plano brasileiro é realista, pois prevê a troca da dívida por títulos que deverão ter aceitação no mercado. Os prazos dos títulos, que o lado brasileiro não quer negociar, variam de 15 a 30 anos. Malan disse aos banqueiros que a proposta tenta compatibilizar as dificuldades financeiras do Brasil com os diversificados interesses dos bancos credores. Os representantes dos bancos ainda não entraram em detalhes sobre cada uma das cinco opções de conversão da dívida em títulos previstas no plano, mas já anunciaram publicamente que consideram a proposta uma base para negociação. A palavra mais usada pelos banqueiros para classificar o documento, em conversas reservadas, é que o plano é "realista", como diz o próprio Malan.

Dívida Externa
JORNAL DO BRASIL

24 AGO 1964